

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO

O CORPO NA LITURGIA DO CULTO CRISTÃO

JOÃO PAULO AULER

MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA

Área de concentração: Liturgia

São Leopoldo, junho de 2003.

O CORPO NA LITURGIA DO CULTO CRISTÃO

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA
Área de concentração: Liturgia

por

JOÃO PAULO AULER

em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Junho de 2003

AULER, João P. **O corpo na liturgia do culto cristão.** São Leopoldo. Escola Superior de Teologia, 2003.

Sinopse

A pesquisa feita parte da problemática de que as igrejas históricas tradicionais, sobretudo as igrejas protestantes, ainda encontram dificuldades em integrar, o corpo de uma forma integral, equilibrada e harmoniosa nas celebrações litúrgicas. O primeiro capítulo, a partir do estudo de textos bíblicos, procura perceber o agir de Deus e a sua dinâmica ao se relacionar com o mundo, as pessoas e, sobretudo, com o corpo humano. Este agir de Deus torna-se a fonte e o critério para avaliar o comportamento litúrgico ao longo da história do cristianismo. A ação litúrgica quer estar em constante busca por esta ação original. O segundo capítulo procura dar ênfase a aspectos antropológicos considerados ou desconsiderados ao longo da história do culto cristão. Procura mostrar que a ação litúrgica, muitas vezes, foi influenciada pela visão do ser humano que predominava em cada época da história. A partir disso, destaca como teólogos e liturgistas procuram, no atual momento histórico, resgatar aspectos antropológicos do culto cristão. O terceiro capítulo, finalmente, tenta se ocupar com a presença do corpo humano nas celebrações litúrgicas e de como estas diversas ações podem acontecer de forma integral e equilibrada. A preparação de uma celebração litúrgica precisa considerar, se ocupar e se preocupar com o envolvimento do corpo humano. O objetivo é possibilitar a comunidade reunida a participar dessa dinâmica e experiência original.

AULER, João P. **The body in liturgy of the Christian Worship**. São Leopoldo. Escola Superior de Teologia, 2003

Abstract

This research is based upon the problematic that the traditional historical churches, mostly the protestants, still have difficulty to integrate the body as a whole in a balanced and harmonious way in the liturgical celebrations. The first chapter, which is based on biblical texts, tries to understand God's actions and his dynamics as He relates to the world, people and especially with the human body. These action become the source and the criteria to evaluate the liturgical behavior during the history of christianism. The liturgical action wants to constantly search this original action. The second chapter tries to emphasize the anthropological aspects considered ornot during the history of the Christian worship. Shows that the liturgical action, many times, has been influenced by the vision of the human being that dominated in each period os history. It tris to bring back the anthropological aspects of the Christian worship, like many theologians and liturgians have been tryng todo at this moment. Finally, the third chapter to deal with the presence of the human body in the liturgical celebrations and how these actions can happen in an integrated and balanced way. The preparation of a celebration needs to consider involvement of the human body. The objective is to let the community participate in this dynamic and original experience.

Sumário

Introdução.....	04
Capítulo 1: O corpo no encontro com Deus, conforme a experiência bíblica.....	07
1.1 - Introdução.....	07
1.2.1 - A revelação de Deus antes da formação de Israel.....	09
1.2.2 - Características de Deus "Eu sou o que sou".....	12
1.3 - A humanidade e Deus.....	14
1.3.1 - O Verbo se fez carne(João 1.14).....	14
1.3.2 - O Verbo se fez ação.....	16
1.3.3 - O Verbo se adequou à cultura.....	16
1.3.4 - A ação de Jesus se tornou rito.....	18
Capítulo 2: Aspectos da antropologia litúrgica na discussão atual.....	20
2.1 - Paradigmas históricos ocidentais e sua influência no comportamento litúrgico.....	20
2.2 - Aspectos antropológicos presentes na liturgia.....	25
2.2.1 - Níveis da participação humana na ação litúrgica.....	25
2.2.2 - A ação simbólica.....	27
2.2.3 - Aspecto grupal.....	28
2.2.4 - Aspecto pedagógico.....	30
Capítulo 3: Conseqüências para a prática litúrgica hoje.....	33
3.1 - Princípios litúrgicos.....	33
3.2 - Conseqüências práticas para a liturgia da IECLB.....	35

3.2.1 - Liturgia da entrada.....	36
3.2.2 - Liturgia da palavra.....	39
3.3.3 - Liturgia da eucaristia.....	42
3.3.4 - Liturgia de encerramento.....	45
Conclusão.....	47
Bibliografia.....	50

Introdução

As igrejas históricas tradicionais ainda encontram dificuldades em lidar e integrar o corpo em suas expressões litúrgicas religiosas. A ação, via de regra, tem acontecido de forma fragmentada. "A fé torna-se coisa da cabeça, ou então de assentimento afetivo, ou ainda de uma determinada maneira de agir. Em qualquer uma das três alternativas parece que se tem dificuldade com o corpo que pensa, que sente e que age".¹

Liturgia é, sobretudo, ação ritual de uma congregação. No caso do cristianismo, é ação ritual que expressa objetivamente a fé na obra de Deus realizada em Jesus Cristo. "A celebração cristã "dramatiza", "ritualiza" em palavras e gestos, cantos e danças... aquilo que se crê. Com seus ritos e mitos (em sentido antropológico) é expressão, é ação ritual, representação simbólica de nossa fé".² O termo "liturgia" é de origem secular. Provém dos termos gregos: "laos" (povo) e "ergon" (trabalho, serviço). É trabalho realizado pelo povo em benefício de outros.³ Tem, portanto, natureza e é experiência comunitária.

O presente trabalho tem como objetivo refletir e propor que a liturgia do culto cristão seja "pensada e planejada" a partir do enfoque do corpo das pessoas que se encontram para celebrar. Corpo sem ação ou com ação limitada é sinônimo de liturgia

¹ Danilo STRECK, *Correntes Pedagógicas*, p. 104.

² Ione BUYST e Ernesto Barros CARDOSO, Seção Teológica em: *Cursos de Verão*, Ano IV, p.54.

³ James F. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 20.

atrofiada. Para alcançar este objetivo, procura se inspirar e "beber novamente das fontes". A experiência de fé, narrada pelos textos bíblicos, mostra-nos uma história de inúmeros encontros de Deus com pessoas ou com o seu povo. Esses encontros provocaram reações e determinaram uma história de fé que se estende até os nossos dias. Saber falar da experiência feita, mesmo que de maneira simbólica, como "corpo de Deus", é fundamental para aprendermos a lidar com o nosso próprio corpo nas diversas celebrações litúrgicas religiosas.

O trabalho está dividido em três partes. A primeira parte, através de algumas referências bíblicas, mostrará algumas características humanas de Deus. Deus busca o ser humano, revela-se e, com ele, faz e vive uma mesma história. Com base na experiência que pessoas da história bíblica fizeram, apontaremos algumas características e facetas do corpo de Deus que age e permite ser conhecido dentro de um nível real, compreensivo, histórico.

A segunda parte procurará apontar para alguns aspectos antropológicos considerados ou desconsiderados ao longo da história do culto cristão. A compreensão que o ser humano teve em cada época histórica, de si mesmo e do mundo, acabou influenciando e se mostrando na ação litúrgica. Em forma de paradigmas, serão mostrados dimensões ou conceitos sobre o ser humano, que predominaram durante séculos no ocidente. A partir desta leitura crítica, serão destacados alguns acentos antropológicos relevantes e presentes na discussão atual sobre o ser humano nas celebrações do culto cristão.

A terceira parte percorrerá um *ordo litúrgico*. A intenção é perpassar uma liturgia do culto cristão, em suas diversas partes, dando ênfase à ação e ao envolvimento do corpo humano na hora de

celebrar. Como é o envolvimento? É integral e total ou apenas parcial? Quais são os perigos de um desgaste acentuado em uma ou outra parte da liturgia ou de privilegiar uma ou outra dimensão do corpo humano na celebração? O critério para a preparação de uma celebração cristã é se inspirar sempre nas fontes, isto é, no agir de Deus presente na Bíblia e na experiência feita através de pessoas no passado. Esta experiência com Deus no passado poderá iluminar a nossa experiência com Deus no presente, inclusive na hora de preparar e celebrar um culto cristão.

Será usada como liturgia-modelo para esta terceira parte a proposta do livro de culto elaborada e apresentada aos participantes do XXIII Concílio Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em Santa Maria de Jetibá/ES em 17 a 20 de outubro de 2002.

O objetivo é resgatar a importância do corpo e do corpo todo na hora de celebrar. O culto cristão quer ser dinâmico e quer oferecer a possibilidade para que as pessoas, através do rito, façam essa experiência integral com Deus. "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" Jo 10.10. Esta vida quer tornar-se abundante, completa e integral através da expressão corporal e ações rituais no culto cristão. A experiência feita no culto cristão quer influenciar e tornar-se também a liturgia da vida. Por isso, o culto cristão, o rito celebrado quer tornar-se o ritmo de vida. A experiência da vida abundante quer tornar-se abundante também no cotidiano da vida onde corpos se encontram e estabelecem relações diversas.

Capítulo 1:

O corpo no encontro com Deus, conforme a experiência bíblica.

1.1 - Introdução

O ser humano sempre teve sede pela transcendência de Deus. Deus sempre foi maior do que todo o entendimento humano e a sua capacidade de imaginá-lo. A história bíblica mostra-nos algumas características dessa essência de Deus a partir de experiências pessoais ou grupais feitas. Deus se revela, fazendo história com a história humana.

Ao se revelar, Deus considera a condição humana. O faz dentro daquilo que o ser humano pode perceber e experimentar com a alma, o pensamento e gestos. "Poder falar de Deus e entrar em contato com ele como seres humanos só é possível de maneira humana e simbólica".⁴ Deus participa, ocupa espaço e age na história humana. "Mas a forma com que nós, seres humanos, podemos experimentar isso é interior; por isso a forma história que damos à experiência interior deve ser chamada de simbólica".⁵ Dito de outra forma: afirmar que Deus age na história é uma experiência de fé e não afirmação científica. "Deus não está meramente aí - nem mesmo de modo eminente - como objeto a ser conhecido. É Deus

⁴ Reinhold. GESTRICH, *Adão e Eva realmente existiram?*, p. 24.

⁵ ID., *ibid*, p.40.

que age no sentido de se revelar. Deus, que é categoricamente superior".⁶

Por isso Deus só poder ser conhecido na medida que se aceita entrar no relacionamento e fazer uma experiência de vida com ele. Caso contrário, permanece-se na fantasia e Deus torna-se apenas uma idéia. Deus quer tornar-se real fazendo história em nossos contextos específicos de vida. Na participação histórica, Deus tem corpo e revela o seu jeito de ser. É ativo, tem idéias, desejos e movimentos.

Deus não pode ter forma humana, mas o ser humano precisa visualizar a sua aparência através de imagens corporais. Desse modo Deus tem - simbolicamente - tudo o que faz parte do corpo vivo: mão e pé, olho e boca, ouvido e nariz. O mais importante é que ele fala e vê, e seu rosto reflete tudo o que um rosto humano pode refletir: amor e alegria, ira e rejeição, solicitude e a negação da mesma⁷.

Esta vontade de Deus em se auto-revelar, em tomar forma e corpo na história humana, tem um caráter dialético. Tem características humanas e até mesmo dinâmica humana, sem, no entanto, confundir-se com o ser humano. Deus, na fé, é realmente ativo na história, mas o seu caráter transcendental permanece. Revela-se, mostra-se e age contra tudo aquilo que se opõe à sua vontade.

Esta tensão explica-se pela diferença de vontades. Deus e o ser humano fazem a mesma história. São agentes ativos. A vontade, e conseqüentemente a atividade humana, caracteriza-se pelo princípio da fragmentação da história, pela interpretação dualista do mundo, da vida e, inclusive, do corpo humano. O ser

⁶ Carl E. BRAATEN e Robert W. JENSON, *Dogmática Cristã*, p. 210.

humano, em suas ações, procura organizar o mundo solidificando em estruturas esta suas vontades (filosofias e ideologias). A vontade de Deus, presente e atuante na mesma história, imprime outra dinâmica. Poderíamos dizer: Deus assume os anseios e as necessidades humanas, mas não necessariamente as suas vontades.

A ação de Deus na história e a revelação de sua vontade ativa é permanente e constante. O culto cristão não poderia ser diferente e nem ter outra dinâmica. Ritualmente quer ressaltar esta ação. Liturgicamente acontece a reatualização desta ação permanente e contínua. Trata-se de um encontro com muita ação onde esta tensão também se repete. Por isso, procuraremos, nos próximos capítulos, clarear e responder perguntas como: o relacionamento que acontece no culto cristão é permeado por que ações? Como o corpo humano, com os seus sentidos, é envolvido ao longo do rito litúrgico?

Neste sentido, precisamos buscar constantemente as fontes que temos à nossa disposição, isto é, buscar na fé e na experiência bíblica, aspectos e facetas desta revelação divina. Só aprenderemos a lidar adequadamente com o nosso corpo, como indivíduos e como comunidade no culto cristão, na medida em que buscarmos nas fontes e na experiência que outros fizeram com Deus, impulsos e clareza para perceber a ação de Deus em nossa vida e história. Nos próximos capítulos, procuraremos desenvolver, de forma um pouco mais ampla, essas questões.

1.2.1 - A revelação de Deus antes da formação de Israel.

A história da fé bíblica é marcada pela presença constante e ativa de Deus que se relaciona, de maneira singular, com a sua criação e suas criaturas. Tem contato, participa e se envolve na

⁷ Reinhold GESTRICH, op. cit; p. 27

história humana. Precisamos ter consciência de que estamos falando da experiência de fé de outras pessoas e povos e de como essa experiência foi fundamental para dar sentido à sua história de vida e aos encontros celebrativos. Essa fé bíblica move-se, não em nível de fantasia, mas em nível de experiência histórica. O corpo todo é afetado e envolvido e participa integralmente da experiência. Sente alegria, prazer e também tristeza. Tudo passa, assim, a ser real. Torna-se fato e história.

A Bíblia não nos mostra uma concepção única de Deus. Tem uma história relativamente longa, mais de mil anos. Isso favoreceu o desenvolvimento de concepções diferentes do sagrado. Com o seu desenvolvimento histórico, novos elementos e concepções diferentes foram incorporados. Pode-se dizer que Deus se caracteriza pela ação de se inculturar. Sua presença foi percebida nas diferentes etapas de sua história. O que nos interessa aqui é captar algumas características dessa experiência histórica que o povo fez em uma determinada época com Deus e de como expressaram isso, mais tarde, nos momentos celebrativos.

Já percebemos, ainda que de forma rudimentar, fenômenos cúlticos antes mesmo que o povo de Israel se constituísse como nação ou povo organizado. Os textos mais antigos falam do encontro com Deus em uma montanha, ao sul da Palestina. Era necessário peregrinar até lá. Ali revelava-se e se tornava conhecido. Está relacionado a fenômenos da natureza: fogo (Ex 3.2); fumaça (Ex19.18); tremor de terra (Jz 5). Textos bíblicos mais recentes, falam da revelação de Deus através de fenômenos climáticos. A natureza agita-se (Jz 5.4-5; I Rs 19.11). Esta maneira de perceber a presença de Deus também é típica para as divindades cananéias, a exemplo de Baal, o deus da chuva, da tempestade e da fertilidade. Estes fenômenos estão relacionados a culturas e ao mundo dos camponeses. Provavelmente, os primeiros grupos a adorar este Deus foram os medianitas, quenitas e beduínos (árabes do deserto)⁸.

⁸ Texto elaborado pela equipe sinodal, do Sínodo Espírito Santo a Belém, para estudo com grupos de Orientadores de Ensino Confirmatório. A revelação de Deus no Antigo Testamento., p. 8.

Além da experiência feita com Deus pelos diversos grupos na montanha e no deserto ao sul da Palestina, outra experiência marcante com Deus foi feita pelo grupo que veio do êxodo do Egito. Experimentou a dominação e a exploração dos faraós antes de 1250 a.C. Este grupo, ao se mobilizar e sair do Egito em busca de novos horizontes de vida, parece ter influenciado, de forma muito significativa, outros grupos⁹ que experimentaram a revelação de Deus na montanha.

No texto original hebraico o verbo *ser*, Ex 3.14, tem o seguinte significado: tornar-se, acontecer, ocorrer, ser, haver e ter. O verbo *ser* é forma verbal e não uma forma nominal. Não é nome próprio. É um verbo e é usado para acentuar a concretização da ação de Deus no dia-a-dia das pessoas. É JHWH (Javé).¹⁰ Portanto, Deus só pode ser conhecido pelo que faz. Seu nome é "atividade". É conhecido pelo movimento que faz, pela sua ação histórica que é experimentada por estes diversos grupos na busca por vida mais digna. Na fé israelita, Deus passa a ter a presença real, concreta e constante na vida das pessoas e na vida comunitária.

Dentro da compreensão da ação constante e permanente de Deus na história, o verbo **ser** passou a ser interpretado de forma diferente em diferentes momentos da história bíblica. Em alguns textos bíblicos, revela acontecimentos excepcionais revelando o poder absoluto de Deus: em Gen 19.26 converteu-se em estátua; Ex 7.10 - vara torna-se serpente. A ação de Deus caracteriza-se por: agir, intervir e realizar. Outros textos mostram a intervenção pessoal e direta de Deus em forma de graça e juízo: Jr 23.12 - calamidades: Is 35.8 - o caminho da graça. A ação de Deus está presente, inclusive, nas prescrições legais vividas pelo povo. Estabelecem o tipo de

⁹ A experiência bíblica com Deus não é resultado da experiência de apenas um grupo, com características étnicas e culturais definidas, mas é resultado do encontro de vários grupos marginais. Motivados, pela experiência com a divindade, juntavam-se na luta por vida melhor. O deserto é o local de encontro destes grupos.

relacionamento entre Deus e seu povo; a relação do povo com seus semelhantes e do povo com seu meio-ambiente: Ex 12.16 - sétimo dia haverá santa assembléia; Nm 18.13 - os primeiros frutos serão consagrados a Deus; Lv 11.10s - nem todos os animais deverão ser consumidos. Percebemos aqui a ação de Deus, no sentido de encorajar as pessoas a serem aquilo que caracteriza a ação de Deus, **ser** santo Lv 19.2. Por último, o verbo **ser** caracteriza um determinado comportamento definido por uma aliança. Ele é mútuo ou recíproco: Jr 7.23; Dt 26.17-18 - "eu serei o vosso Deus e vós, sereis meu povo".¹¹

Com o passar do tempo, percebe-se que essa ação de Deus passa a ser entendida de forma mais ampla. Abre-se para todas as direções e se universaliza. Deus e o povo são parceiros em muitas ações históricas

1.2.2 - Características de Deus "Eu sou o que sou"

A intenção, mesmo que de forma rudimentar, é captar alguns traços ou características desse Deus que faz história com o seu povo. O verbo **ser** permanece na primeira pessoa do singular. Deus é um **Eu** soberano e absoluto. No hebraico o verbo está no imperfeito. É, assim, um tempo verbal que está aberto para novas ações e relações. O agir de Deus não é "fechado". É aberto e contínuo. A fórmula "**eu sou o que sou**" é o anúncio a respeito do novo agir de Deus na história humana. É através desse jeito, de sua sensibilidade, proximidade, humanidade e presença real que o "céu" se revela ao mundo de forma contínua e constante. Mais do que ação, Deus é de relação. Faz relacionamentos. A ação pode ser compreendida como força, movimento que se imprime em objetos ou a pessoas. *Relacionamento* pressupõe uma ação de correspondência entre as partes. Por isso, esse Deus tem características humanas.

¹⁰ Texto elaborado pela equipe sinodal, do Sínodo Espírito Santo a Belém, op. cit; p.9.

Para ter sensibilidade precisa ver e ouvir: Ex 3.7; precisa se envolver e entender a situação do outro: Ex 3.7. O relacionamento só é possível pela proximidade e através da presença real, do trabalho e da ação. "Por isso desci a fim de livrá-los da mão dos egípcios e fazer com que..." Ex 3.8. Deus tem corpo e se materializa em ações históricas. Assume a história humana e suas lutas por dignidade. Isso faz **JHWE**(Deus) ser diferente de outros deuses. Seu movimento e ação, de descer em direção ao humano e sua história, não é geográfica, mas sim, no sentido de buscar a aproximação humana, compreendendo a sua dor e limitação. Esta teologia marca a história deste povo e ganha forma e expressão nas celebrações posteriores.

Conclui-se, a partir desta revelação de Deus, que antes da teoria ou da interpretação, primeiro vem a ação. O método de Deus se tornou conhecido **fazendo** história. A experiência e a ação precedem, portanto, a interpretação e a teoria, assim como liturgia à teologia. Experiência pressupõe envolvimento integral de Deus e do ser humano nos acontecimentos. É ação que se faz com idéias, atitudes, sentimentos e com o corpo todo. Este é um dado importante e fundamental para o culto cristão. Como Deus, assim também o povo entra, de forma completa, nesta relação no ato de celebrar.

Um dado antropológico importante é a constatação de que o ser humano só percebe concretamente a presença do outro como pessoa e chega a compreendê-lo e senti-lo, na ação de experimentá-lo com os sentidos: vê-lo, tocá-lo, ouvi-lo, cheirá-lo¹². Em Ex 3.14, Deus precisa tornar-se ativo e com

¹¹ Texto elaborado pela equipe sinodal do Sínodo espírito Santo a Belém, para estudo com grupos de Orientadores de Ensino Confirmatório, *A revelação de Deus no Antigo Testamento*, p. 10.

¹² Maria Laura GORGULHO, *Lendo a Bíblia na dinâmica de João*, p. 13.

características humanas, ter olhos, mãos e ouvidos, para revelar-se e ser compreendido.

Essa experiência histórica de Deus foi fundamental no desenrolar da história bíblica. Desde a criação até a Páscoa e até hoje e o final dos tempos, esta revelação e a forma de Deus se revelar, sua atitude de amor e de aproximação, envolvimento, permite e dá um sentido profundo e vivo ao culto cristão. Se culto é serviço e ação presente e real de Deus, então podemos participar e ser envolvidos nesta mesma experiência.

Não há culto sem ação. É impossível conhecer a Deus sem movimentos e sem ser envolvido por ele. Movimentos exigem corpo presente. Celebrar a presença de Deus entre nós só é possível entrando no relacionamento, participando da experiência com Ele.

1.3 - A humanidade de Deus

No Antigo Testamento, a fé de pessoas e de grupos e a experiência que fizeram com Deus em suas histórias de vida, mostram um Deus acessível, próximo, íntimo, presente e ativo na história humana. No Novo Testamento, esta experiência é ainda mais concreta. A humanidade de Deus torna-se visível e palpável em Jesus Cristo. Apontar para alguns aspectos desta revelação, ajuda a resgatar o que pode ser chamado de: "*dinâmica original*" do culto cristão.

1.3.1 - O Verbo se fez carne (João 1.14)

O Evangelho de João aborda o mistério da encarnação. O primeiro capítulo aponta para o ambiente cultural de uma das primeiras comunidades cristãs. "Isso é o testemunho confesso da comunidade que crê. Defrontamo-nos, pois, com um fragmento

litúrgico da primeira cristandade. O oficiante recitava o hino, e a comunidade respondia com a confissão"¹³. Em João 1.14, temos a resposta desta confissão, interpretando o mistério da encarnação de Deus em Jesus Cristo.

Central, nesta confissão, é a ação de Deus que se corporifica. A palavra se torna pessoa humana e toma forma nas ações e no corpo de Jesus Cristo. Antes de analisarmos algumas dessas facetas da humanidade de Deus, é importante salvaguardar a unidade entre o humano e o divino em Jesus Cristo. O texto de João defende a fé de uma comunidade que destaca a unidade. No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus(Jo 1.1). Ele estava no princípio com Deus(Jo 1.2). Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez(Jo 1.3). Percebemos que há uma unidade entre Deus e Jesus Cristo encarnado. Conforme a confissão de fé desta comunidade, não é possível ver as naturezas humanas e divinas distantes uma da outra e separadas. Esse é o grande mistério da encarnação, a comunhão inseparável e indivisível. O cristianismo não consegue entender comunhão sem que a presença de Deus seja real. A comunhão sempre é ativa e exige a presença do corpo. Por isso precisa ser concreta e presente na história humana. Como diz J.J. Von ALLMEN: "Antes de ser um movimento ascendente, o cristianismo se caracteriza por uma imersão no mundo, para permeá-lo e nele tomar forma".¹⁴

No centro da fé cristã está a pessoa histórica de Jesus Cristo. Só conseguiremos olhar para Deus, olhando para Jesus como ser humano. Lá, vemos Deus e vemos também a nós mesmos. Jesus Cristo torna-se a referência de Deus e conseqüentemente a referência do ser humano. O mistério da encarnação tem este objetivo, revelar Deus e revelar o novo ser humano.

¹³ Gottfried BRAKEMEIER, *Auxílios Homiléticos* XXV, p. 35.

1.3.2 - O Verbo se fez ação

Na vida e nas atitudes de Jesus Cristo percebe-se um novo conceito do ser humano que não pode ser entendido de forma desintegrada. Nas atitudes de Jesus percebe-se a presença de todas as dimensões antropológicas. Como dizia Fausto em Johann Wolfgang Goethe:

Está escrito: 'No princípio era o Verbo'. Aqui já eu paro! Quem vem me auxiliar a ir adiante? Não posso superestimar tanto o Verbo, devo traduzi-lo de outro modo, se for esclarecido direito pelo espírito. Está escrito: No princípio era a Mente. Medita bem a primeira linha para que tua pena não se precipite! É a mente que tudo executa e cria? Devia ser: No princípio era a Força! Todavia, também subscrevendo eu isso, alguma coisa já me avisa que não fique aí. O espírito me ajuda! De repente, receio um conselho e escrevo consolado: No princípio era a Ação!¹⁵

Todas as ações de Jesus têm um objetivo. "Jesus é aquilo que ele providencia...".¹⁶ É a unidade e providencia a unidade. A humanidade é concebida dentro dessa ação e relação. É um conjunto que se inter-relaciona harmonicamente. Todas as ações de Jesus têm como objetivo restaurar esta dinâmica e esta unidade. Deus, em Jesus Cristo é, portanto, a nova ação e o novo conteúdo. Esta também passará a ser a ação presente no ser humano em relação a si mesmo e na relação com as pessoas e o mundo. O culto cristão se inspira neste agir de Deus para criar a dinâmica de suas celebrações.

1.3.3 - O Verbo se adequou à cultura

A criação divina, em todos os sentidos, é diversificada. Cada corpo tem características únicas. Cada corpo pertence a um grupo étnico, racial, cultural e social com características,

¹⁴ J.J. Von ALLMEN, *O culto cristão*, p. 101.

¹⁵ Gunter WOLFF, *A encarnação e Jesus*, Estudos bíblicos nº 41, p.27.

também próprias. Tem a sua identidade e carrega marcas de seu contexto e de sua história. Jesus valoriza esta diversidade. Em João 4.9, no diálogo com a samaritana, isto fica evidente. Diz a samaritana: "como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?" (v.9). Fica claro que Jesus é judeu. Tem cultura e identidade de judeu. Fica claro também que quer entrar em contato com os samaritanos. Em uma postura de humildade, Jesus é o necessitado. Precisa de água e de solidariedade. Nesta postura ajudará os samaritanos a abrirem um pouco mais os seus horizontes.

Jesus assume uma cultura. Nasceu, cresceu e aprendeu as "coisas próprias" de sua cultura. No entanto, não padronizou uma etnia como modelo único. Como disse o apóstolo Paulo: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Todas as criaturas fazem parte da criação divina e, conseqüentemente, têm algo para dar. Estão integradas no cosmos. A encarnação é, portanto, a ação de Deus para dentro de uma cultura, a partir de uma cultura. Isto é **inculturação**. Jesus, assim, se faz "adequado" à cultura e atende às necessidades de cada povo de forma solidária.

Esta ação de Jesus não significou ausência de uma opção clara. A partir da cultura e de suas necessidades, ensaiou nos contextos específicos uma espécie de liturgia da resistência. Esta liturgia da vida passou, mais tarde, a ser a liturgia celebrada. Jesus reagiu contra as ações de grupos religiosos, movimentos e governos que imprimiam atitudes com outra dinâmica, a da exclusão e fragmentação de pessoas e do cosmos. O encontro e o relacionamento, estabelecidos por Jesus, criam comunhão e tensão ao mesmo tempo. Comunhão, pela atitude de solidariedade

¹⁶ Johan KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, p.22.

para com os que sofrem. Jesus resgata a "nobreza" humana em todos os níveis: econômico, político, cultural, social e religioso. Cria também tensão porque acaba questionando outros modelos de organização humana que excluem pessoas e grupos do direito à dignidade humana.

1.3.4 - A ação de Jesus tornou-se rito

Em Jesus Cristo, a presença de Deus é experimentada em sua totalidade. Não é uma presença apenas física ou simbólica. Jesus via e ouvia as pessoas. Pode-se dizer também: Jesus comia e saboreava o que comia. Em cada atitude e gesto percebe-se o envolvimento e entrega total ao momento vivido ou àquela situação. Não agia de forma fragmentada ou mecânica, mas inteira. O envolvimento era integral.

O exemplo do mágico ajuda-nos a distinguir duas ações diferentes. O mágico faz, no mundo da fantasia, o que se faz com o corpo do ser humano na vida real. Em um primeiro momento, o mágico corta o corpo humano em várias partes, colocando-as em lugares diferentes. Em um segundo momento, com um toque de mágica, faz com que todas as partes se juntem novamente. No mundo da fantasia, o mágico é o vilão e o herói ao mesmo tempo.

A encarnação é uma experiência real. É vida real. Não é fantasia. O que o mágico faz, em nível de fantasia, acontece na vida real ou na história da humanidade. O pecado caracteriza-se exatamente por esta atitude. O corpo humano, cada vez mais, é "cortado aos pedaços". Separa-se o corpo da alma, o espírito da carne. A encarnação é a atitude de Deus de entender o corpo dentro de uma totalidade. Esta ação de Jesus transformou-se em um **rito de vida**. Enquanto o mundo cria estruturas para "cortar" o corpo humano em pedaços, a ação de Deus visa a restaurar este

corpo dentro de sua vocação original. O cristianismo, quando afirma que Deus enviou o seu filho para salvar a humanidade, relaciona isso diretamente com o corpo, Deus veio salvar também o corpo humano.

Ritualizar e reatualizar esta ação de Deus em Jesus Cristo, eis o grande motivo do culto cristão. Culto é o lugar para o "reencontro" do próprio corpo consigo mesmo e do próprio corpo com os corpos dos outros, formando assim o corpo maior, o corpo de Cristo. A palavra de Deus que se tornou um rito de vida em Jesus Cristo, mais tarde, tornou-se um rito celebrativo na Igreja cristã.

Capítulo 2:

Aspectos da antropologia litúrgica na discussão atual.

2.1 - Paradigmas históricos ocidentais e sua influência no comportamento litúrgico

A antropologia cristã procura entender e valorizar o caráter criativo e participativo do ser humano na história. Ele é criatura e "criador". Está aí a lógica da afirmação de que todo encontro, entre Deus e a criatura ou da criatura com o seu meio, é permeado por ações e reações. Nelas, nas ações e reações, o ser humano mostra a sua visão de mundo, de história, da cultura, do sagrado e o conceito que tem de si mesmo. O conceito elaborado sobre o mundo acaba determinando o grau, a intensidade e a profundidade de um relacionamento, seja no tratamento consigo mesmo, com o grupo social, religioso ou até mesmo com o cosmos.

A visão antropológica de cada época acabou influenciando o comportamento que as pessoas ou grupos tiveram e tem no culto cristão. Antes de falar sobre os aspectos antropológicos acentuados nas celebrações cristãs na atualidade, vale observar alguns paradigmas históricos ocidentais e ver como eles influenciaram a ação humana presente nas celebrações.

Conforme a definição de Cardoso C. M, paradigma seria "uma constelação de crenças e valores que determina o modo de pensar e agir do homem de uma determinada época".¹⁷ A história é dinâmica e, com isso, os paradigmas também passam por mudanças. L.E.P BARONTO, menciona basicamente três paradigmas históricos: teocêntrico, antropocêntrico e ecocêntrico. Eles influenciaram amplamente a história humana, inclusive, o comportamento cultural.

O **paradigma teocêntrico** ou mítico, estabeleceu a existência de dois mundos: o mundo da natureza e o mundo dos deuses. As pessoas viviam com naturalidade nestas duas diferentes esferas da realidade: a mental e a espiritual, a física e a metafísica, a "normal" e a "milagrosa" - sem estarem conscientes de qualquer tensão.¹⁸ Através de poemas, narrativas e histórias procuravam explicar e dar sentido à realidade. O comportamento emocional e intuitivo era acentuado. Exercitava-se a fantasia, o imaginário e o simbólico.

O símbolo desperta a intuição, a linguagem apenas consegue explicar. O símbolo toca todas as cordas do espírito humano ao mesmo tempo, a linguagem sempre consegue expressar somente em pensamento. As palavras tornam o infinito finito, os símbolos arrebatam o espírito para além das fronteiras do mundo finito para dentro do mundo infinito.¹⁹

Este paradigma mostra uma forma de o ser humano compreender a vida e seus mistérios. O sagrado dava sentido à existência. O mundo real, terreno e concreto estava impregnado do transcendente. A presença do sagrado era captado e experimentado através de sentimentos, da intuição e da sensibilidade. Predominava a experiência sobre a teoria

¹⁷ Conforme Clodoaldo M. CARDOSO open: Luiz Eduardo Pinheiro BARONTO, *Laboratório Litúrgico*, p.145

¹⁸ Luiz Eduardo Pinheiro BARONTO, *Laboratório Litúrgico*, p. 145-146

¹⁹ Reinhold GESTRICH, *Adão e Eva realmente existiram?*, p.11.

No **paradigma antropocêntrico**, o exercício da razão predominou sobre o comportamento intuitivo e emocional. A pretensão era descobrir os mecanismos de funcionamento do mundo para tentar dominá-lo e transformá-lo. A relação comportamental era de dominação e não de inter-relação. A renascença e o iluminismo marcaram fortemente este pensamento. "(...)com a auto-liberação da razão veio o isolamento da racionalidade e, como decorrência desse desenvolvimento, houve um distanciamento entre espírito e sensibilidade".²⁰ No campo religioso, razão e fé são colocados no mesmo nível. Igreja iguala-se a escola e "pastor" a professor. A vida piedosa é resultado do doutrinação da razão. Sem podermos aprofundar a questão, vale destacar que a visão antropocêntrica muda e influencia o comportamento do ser humano nas ações e reações que têm no culto cristão.

O **paradigma ecocêntrico** parte do princípio fundamental de que todos os fenômenos do universo não estão isolados, mas ao contrário, estão intrinsecamente relacionados. O corpo não é a soma das partes, mas a relação intrínseca entre todas as partes²¹. Com isso, o comportamento humano, de forma ampla, geral e irrestrita se modifica. Existem funções e dimensões diferentes nas pessoas, mas não são pedaços separados entre si. Fragmentar significa a tentativa de querer ver separadamente o que não permite e, por natureza, não pode ser separado. Tudo está ligado e interligado dinamicamente e harmonicamente. Fragmentar é interferir nesta harmonia.

A ciência litúrgica, como também outras áreas da ciência humana, procuram entender o comportamento humano dentro desta visão mais ampla e abrangente de viver e de pensar a realidade que nos cerca. Afinal, o que os bancos da igreja têm a ver com o

²⁰ Reinhold GESTRICH, *Adão e Eva realmente existiram?*, p. 11.

conteúdo da pregação? Se antes era possível dizer: "nada tem a ver", agora se afirma: "tudo tem a ver". O espaço litúrgico não pode estar organizado contraditoriamente à mensagem proferida. Os bancos podem sugerir um comportamento e a pregação, um outro.

A tendência litúrgica *atual* parte deste princípio básico. Procura considerar todas as dimensões do ser humano e do cosmos e não só algumas partes. O ordo úrgico precisa considerar essa amplitude. O comportamento litúrgico precisa permitir uma experiência que transcenda aquilo que é teoricamente explicável ou que pode racionalmente ser captado. Afinal, cada dimensão faz parte do todo e precisa estar integrada e se inter-relacionar com esse todo. Aqui a liturgia encontra a sua profundidade teológica e antropológica. Através de inúmeras ações rituais faz a experiência real e concreta de ser um só corpo (Ef. 4.4). Corpo onde a totalidade do ser é considerada e participa integralmente.

A história do culto cristão nem sempre conseguiu, em suas ações rituais, reproduzir esta harmonia onde o "todo e a parte" interagem reciprocamente. A Idade Média, fortemente marcada pelo clericalismo ocidental, estabeleceu uma distância e um comportamento hierárquico entre as pessoas presentes no culto cristão. O clero e o povo estavam distantes, geograficamente separados. Um bispo chegou a escrever: "O povo na (nave) igreja pouca atenção dava ao que o sacerdote e os clérigos faziam no coro(...) A intenção nunca foi de que o povo efetivamente ouvisse as matinas ou as missas, mas de que estivesse presente ali e orasse em silêncio".²²

A reforma protestante iniciou um processo de mudanças, não só ao que diz respeito a interpretações teológicas, mas também em relação a acentos antropológicos. Lutero comungava a convicção de

²¹ Luiz Eduardo Pinheiro BARONTO, *Laboratório Litúrgico*, p. 148.

o ser humano ser composto de partes distintas, corpo, alma e espírito, diferente da dicotomia desenvolvida por filósofos gregos que dividem o ser humano em duas partes, corpo e alma. Aqui não se trata de conceber o ser humano de um ou outro jeito, mas de fazer a reflexão sobre o "humano" dentro de princípios teológicos. "Seja tricotomia ou dicotomia, em ambos os casos o ser humano é visto como constituído em camadas que se distinguem não só pela função e, sim, também pelo valor: haveria uma parte superior e outra inferior no ser humano, uma mais próxima de Deus e outra parte mais ligada às coisas terrenas. De uma forma ou outra atribui-se ao ser humano estruturas nitidamente hierárquicas".²³

Lutero procurou descrever as dimensões do ser humano, os aspectos de seu ser e suas capacidades. Defendeu que o ser humano é indivisível. Esta foi a característica antropológica defendida na época.²⁴

Não se pode dizer que a partir da reforma o ser humano passou a ser mais respeitado em sua dignidade e em sua inteireza de ser. Embora, houve avanços, com a doutrina do "sacerdócio geral de todos os crentes" do qual todos os crentes fazem parte, o corpo humano, com todas as suas dimensões, ainda não participou plenamente nos cultos cristãos. Lutero, na verdade, esteve mais preocupado em eliminar o caráter sacrificial da missa na Idade Média tardia.²⁵ Mas, de qualquer forma, deixou caminho aberto para que as futuras gerações pudessem organizar os encontros celebrativos com um maior e melhor envolvimento humano.

²² James F. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p.78.

²³ Gottfried BRAKEMEIER, *O ser humano em busca de identidade*, p. 109.

²⁴ ID., *ibid*, p.110

²⁵ Conforme Helmar JUNGHANS, em *Temas da teologia de Lutero*, p. 32-33, Lutero combateu o caráter sacrificial da missa. Para Lutero Cristo partilha seu corpo e sangue mediante o pão e o vinho, enquanto o ser humano apenas recebe estas dádivas. O ser humano nada pode fazer para conquistar e merecer algo de Deus, apenas, em resposta pode agradecer pelo que recebeu.

2.2 Aspectos antropológicos presentes na liturgia.

2.2.1 - Níveis da participação humana na ação litúrgica.

Os litúrgos de nossos dias, ao se envolverem no trabalho litúrgico, precisam considerar os paradigmas históricos. Ao longo de séculos foi assim que os seres humanos pensaram e foi assim que expressaram a sua fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Não se trata, no entanto, de aceitar ou simplesmente ignorar estes paradigmas, mas de fazer uma releitura a partir de outros critérios. Que critérios seriam estes? *Primeiro*, a comunidade cristã, ao se ocupar com o culto cristão, inspira-se no agir de Deus em Jesus Cristo. Jesus Cristo é o conteúdo e a fonte de inspiração original na organização das ações rituais. *Segundo*, ter clareza de que quem faz a ação litúrgica é a comunidade, "por Cristo, com Cristo e em Cristo, na unidade do Espírito Santo".

Estes critérios não nos amarram ao passado, mas permitem que também nós, em nossos contextos específicos, repitamos o que James White já disse: "A recuperação das nossas raízes deu-nos asas!".²⁶ A ciência antropológica veio contribuir e libertar o ser humano de amarras culturais, raciais e sociais e, assim, deu vazão à sua criatividade, podendo participar e "mergulhar" inteiramente no momento da celebração. A seguir, procuraremos desenvolver alguns aspectos antropológicos presentes na ação litúrgica.

Os níveis de participação nas celebrações litúrgicas são de certa forma progressivos, embora interligados e inseparáveis. "O cerne da experiência litúrgica é o "casamento" entre o gesto

²⁶ James White, *Introdução ao culto cristão*, p. 123.

corporal e a realidade espiritual, passando pela vivência interior".²⁷

A participação pode ser *ativa e passiva*. *Ativa* quando se entra no jogo ritual da celebração. É uma participação, a princípio, apenas externa quando se executa vários movimentos, como: andar, levantar, sentar, cantar, orar, gesticular, comer, ler, abraçar, ouvir. Torna-se simultaneamente *passiva* quando feita no Espírito, quando se deixa Deus agir em nós. A leitura pode ser uma atitude ativa e passiva. Ao mesmo tempo em que se lê, ouve-se também o que Deus está dizendo para nós.

A participação é *exterior e interior*. É exterior porque é visível, palpável e audível. Todo o corpo participa dos movimentos. Torna-se também *interior*, "(...)quando a ação externa toca a minha percepção interior, "me diz" algo; torna-se significativa para mim, revela-me o sentido da minha vida ou dos acontecimentos."²⁸ Poderíamos dizer que a participação interior acontece quando a mente e o coração se abrem para colher o mistério de Cristo ressurreto.

É também uma participação consciente, quando se procura compreender com a razão o que está se passando e quando se participa também como sujeito da ação litúrgica da comunidade que está reunida.

Enfim, a participação será plena no momento em que houver condições, em todos os níveis, de as pessoas se entregarem à comunhão com o Senhor e com os outros. Será plena, no momento em que a ação de Deus passar a determinar as ações da comunidade em suas celebrações.

²⁷ Ione BUYST, *Pesquisa em Liturgia*, p.26.

2.2.2 - A ação simbólica

A importância do aspecto simbólico precisa ser recuperado nas celebrações litúrgicas. Os símbolos ajudam o ser humano a ter um envolvimento e comportamento litúrgico integral. As diferentes dimensões humanas se re-encontram, se inter-relacionam e convivem harmonicamente. "Unem o que se experimenta (sentidos) com o que se explica (entendimento). Interior e exterior estão estreitamente ligados na fé. A consciência, sozinha, nos separa das forças religiosas mais profundas. A linguagem pode captar somente de modo precário o desconhecido e o oculto, o misterioso e intuitivo".²⁹ Os símbolos ajudam a desenvolver a capacidade, nas pessoas, de se sintonizarem com a realidade invisível por meio de objetos e gestos visíveis e palpáveis e a perceber, através dos símbolos, um sentido mais profundo para as suas vidas, que vai além do valor funcional, técnico ou comercial de um objeto ou gesto.³⁰

Dentro da visão de que nada pode ser visto separadamente, tudo o que cerca o momento litúrgico também precisa ser revestido de sentido simbólico: o tempo, os objetos e os gestos. Nada está à parte. Tudo faz parte. Ação litúrgica passa, assim, a ser uma ação simbólica. É necessário entrar no "jogo simbólico".³¹ A forma de como o espaço está organizado permite a presença de uma atmosfera que desencadeia determinadas experiências e/ou comportamentos independentes das ações litúrgicas e disposições psicológicas. Dentro de um tal espaço, as pessoas sentem-se tocadas e atingidas, arrebatadas pela magnitude do divino. Mesmo, sem que ocorra uma ação litúrgica planejada, todos estes elementos tornam a experiência com o sagrado possível

²⁸ ID, . Ibid, p. 27

²⁹ Reinhold GESTRICH, *Adão e Eva realmente existiram?*, p.21-22.

³⁰ Ione BUYST, *Celebração do domingo*, p. 35.

³¹ ID. IBID p. 92

Através dos símbolos, o nível de reflexão, experiência e ação, ultrapassam aquilo que se pode chamar de convencional ou aquilo que se experimenta no cotidiano da vida individual ou social e que pode ser dominado e controlado. Os símbolos permitem transcender a limitação humana. O fundamento da vida e as situações limítrofes, como a morte, a doença e a continuidade da vida, são trabalhados. Os símbolos têm outra lógica funcional, temporal e espacial. Passado, presente e futuro são "presentificados" na ação litúrgica e vistos dentro de um conjunto. Não só o ser humano deixa de ser fragmento, mas também o tempo e o espaço são vistos nesta abrangência maior.

2.2.3 - Aspecto grupal

As pessoas que se encontram no culto, por via de regra, têm muitas coisas em comum. A natureza comunitária do culto cristão encontra sua ênfase neste "ter algo em comum". A ênfase teológica da comunidade é a obra de Deus realizada em Jesus Cristo, sua morte e ressurreição e que constantemente está sendo lembrada. Isto cria e mantém a comunidade³². Em comum, a comunidade, através de ritos, expressa a sua satisfação e, na fé, sente-se envolvida e participa desta experiência com o sagrado. James F. White, define este comportamento como "recordar o que Deus fizera e regozijar-se nessas memórias".³³ A comunidade cristã, ao ser reunida, entende-se como corpo de Jesus Cristo que foi formado. Como corpo de Cristo e como corpo comunitário e, através de seu comportamento cultural, mostra a unidade existente entre Deus e o corpo comunitário.

A espiritualidade e o comportamento humano presentes, no encontro, deriva-se desta compreensão teológica. Significativo,

³² James F. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 112.

neste sentido é descrever como as primeiras comunidades viveram e o que as identificou.

E perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos (Atos 2.42-47).

Este grupo reunido também está organizado em torno de regras de convivência. Estas regras determinam o comportamento das pessoas e do grupo em todos os níveis. O indivíduo encontra segurança e vai definido a sua identidade na vivência grupal. O grupo passa a ser a referência comportamental. Acha-se no centro do universo.

A convivência grupal ou comunitária é fundamental para a sobrevivência do ser humano. O grupo é a extensão do próprio corpo. Daí é fácil entender porque povos e culturas ameaçadas sobreviveram enquanto se articulavam como grupo e se relacionavam com ações que os identificavam entre si. Daí, também pode se entender por que as igrejas históricas, entre elas e IECLB, têm dificuldades em marcar mais fortemente presença urbana. Na cidade, muitos vivem como se estivessem em terra estranha e sem o seu grupo étnico e religioso. Perdem a sua referência principal e a vida se desarticula facilmente.

O grupo religioso é de fundamental importância à vida do ser humano. Continua sendo "agência de sobrevivência",³⁴

³³ *ID.*, *Ibid.*, p. 112

³⁴ *James F. WHITE*, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 112.

principalmente em épocas e situações de grandes mudanças, onde facilmente se perde a referência. "As celebrações têm como centro, principalmente, os conflitos fundamentais da vida. Elas levam em consideração a identidade da pessoa como valorização do 'Eu' específico de cada ser humano. Além disso oferecem espaço à auto-valorização do próprio sentimento. O ritual sempre oferece, mesmo que de forma velada e oculta, uma contribuição para lidar e enfrentar os obstáculos da vida".³⁵ Têm a função de dar estabilidade e equilíbrio ao comportamento humano.

2.2.4 - Aspecto pedagógico

A ação litúrgica também tem uma função pedagógica. Os símbolos, os gestos, os diversos movimentos, a organização do espaço e o próprio tempo tornam-se referências e modelos de convivência. Faz diferença entre sentar-se em círculo e sentar um atrás do outro. As pessoas experimentam um determinado relacionamento com determinados gestos, em um espaço adequado e em um tempo que é agradável. Através deste comportamento, consciente ou inconscientemente, reproduzem atitudes que mostram uma determinada visão do ser humano. Este comportamento tende a se reproduzir em outros níveis. Portanto, é educativo.

O grupo que prepara e organiza o encontro da comunidade, precisa considerar todos estes aspectos. De certa forma, estará "induzindo" a comunidade a ter determinados comportamentos grupais que, posteriormente, poderão se tornar regras de convivência familiar e social.

³⁵ Tradução feita por P. Norberto Berger de: Manfred JOSUTTIS, *Der Weg in das Leben*, p. 29: "...dass im Gottesdienst keine abseitigen Sonderprobleme traktiert werden, dass hier vielmehr die grundlegenden Lebenskonflikte der Triebe, der Ich-Identität, des Selbstwertgefühls zur Darstellung kommen. Das Ritual enthält immer, und sei es in scheinbar noch so verschlüsselter Form, einen Beitrag zur Lebensbewältigung".

Alguns desses comportamentos, trabalhados em sala de aula, podem ser úteis no encontro da comunidade em suas celebrações litúrgicas, principalmente quando se tem consciência de que o culto cristão também é lugar e momento de aprendizagem para uma nova vida. L.E.BARONTO, em sua obra: Laboratório Litúrgico pela inteireza do ser na vivência ritual, aponta algumas características neste sentido que são especialmente importantes para equipes litúrgicas. Destacam-se:

- a) **Inclusividade:** considerar as necessidades da pessoa e as inúmeras facetas do ser humano e da realidade.
- b) **Inocência:** ter um comportamento desarmado diante das situações para poder melhor captar a realidade.
- c) **Plena atenção:** estar atento a todos e a tudo e a qualquer coisa. Isso é importante para que todo o corpo e o corpo todo participe na ação litúrgica.
- d) **Humor:** sorrir e ter um bom humor é um comportamento adequado e sinal de equilíbrio. É fundamental para quem é referência em uma celebração.
- e) **"Ter as mãos vazias":** estar desprendido de autoritarismos, exteriores e interiores. Um corpo litúrgico equilibrado não permite a dominação de uma parte sobre a outra.

Na liturgia, todos os aspectos precisam ser considerados. Eles, com o seu sentido simbólico, sinalizam, educam e ajudam as pessoas reunidas, a terem determinados comportamentos. Por isso é importante preparar o culto para que todas as dimensões antropológicas do ser humano possam ter uma função. A emoção, o intelecto e o espírito precisam ter condições de atuar equilibradamente.

A ação litúrgica que envolve o ser humano em todas as suas dimensões propõe mudanças radicais no comportamento humano.

Procura sair de modelos e métodos mecanicistas e fragmentados que privilegiam apenas certas dimensões do ser humano. Já não é mais suficiente apenas ouvir a Palavra de Deus, mas é necessário experimentá-la. Já não é mais suficiente ouvir e experimentar a Palavra de Deus é necessário incorporá-la à própria dinâmica da vida pessoal e social. Neste sentido, a ação litúrgica torna-se modelo e influencia as pessoas a exercitarem este comportamento na "liturgia da vida" ou do cotidiano da vida.

Considerar estes aspectos na preparação do culto cristão é uma tentativa humana de aproximação ao "jeito original", ou seja: é uma tentativa de incorporar a ação de Deus em nossas diversas ações humanas. É um comportamento e uma postura de se colocar sob a influência do sagrado. No próximo capítulo procuraremos fazer algumas considerações de como estes aspectos poderão ser observados na preparação de um culto cristão.

Capítulo 3:

Conseqüências para a prática litúrgica hoje

Ao longo da história da Igreja cristã, em seus contextos específicos, muitas experiências litúrgicas já foram feitas. Cada época precisou fazer a sua releitura da história do culto cristão com critérios e princípios. Este também é o propósito neste momento, destacar e fazer esta releitura a partir de alguns princípios básicos presentes nos capítulos anteriores.

3.1 - Princípios litúrgicos.

1º Deus só pode ser conhecido por sua ação. Deus revela-se pelo que faz. É ativo, dinâmico, está em constante movimento e se envolve na vida humana com ações históricas concretas. Deus só pode ser conhecido, na medida que o ser humano, na fé, se deixa envolver totalmente nessa mesma dinâmica. A interpretação teológica desta ação de Deus é uma tentativa de se aproximar ao máximo possível da experiência feita na história bíblica e explicada posteriormente por outras pessoas. Deus só pode se tornar conhecido quando se entra no "jogo de sua ação" também na ação ritual litúrgica.

2º Na sua revelação e ação, Deus demonstra suas características humanas. Ao se revelar, para o ser humano, Deus se vale das esferas antropológicas. O faz dentro daquilo que a

pessoa em sua situação cultural, social, racial e religiosa está em condições de perceber. Ali, Deus pode ser percebido e experimentado com a alma, o pensamento e com atitudes. O ser humano só consegue perceber a presença do outro, quando consegue vê-lo, compreendê-lo, tocá-lo e experimentá-lo com os sentidos no mesmo nível humano que o seu. A revelação e a comunicação de Deus com o ser humano precisa acontecer neste mesmo nível. Por isso Deus é experimentado como quem tem corpo e com características humanas. É vivo, ativo, tem fibra e emoções, tem planos e projetos de vida para a humanidade.

3º A ação de Deus tem como objetivo restaurar o corpo humano. A ação de Deus é cheia de propósitos. Os seres humanos, no exercício de sua liberdade e com suas atitudes, muitas vezes, imprimem um outro ritmo e movimento nas relações que estabelecem em sua história ou no mundo. Nestas ações e relações, por vezes, desconsideram o corpo humano dentro de uma visão inteira e mais abrangente onde todas as dimensões e sentidos precisam ser considerados. O corpo humano é entendido como um amontoado de partes ou pedaços e isoladamente. Separa-se o que na verdade não pode, por natureza, ser visto em separado.

Deus, com a sua ação, quer restaurar o mundo e o ser humano dentro de sua vocação, como criatura. Considera todas as dimensões humanas. Tudo faz parte e precisa ser considerado e integrado. Nenhuma dimensão do ser humano sobra ou é excluída. Tudo está intrinsecamente relacionado e de forma harmônica. Deus se relaciona com o conjunto de todas as partes e não apenas com uma ou outra parte da pessoa.

4º A tarefa da liturgia é reatualizar a ação e presença de Deus em Jesus Cristo. A liturgia é, sobretudo, ação ritual de uma congregação. No caso do cristianismo, é ação ritual que expressa

objetivamente a fé na obra de Deus realizada em Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição. Celebrando, a comunidade cristã, "dramatiza e ritualiza" em palavras, gestos, cantos e ainda, através de inúmeras outras formas, aquilo que crê. A revelação de Deus também quer tornar-se, assim, um acontecimento na vida e na história das pessoas de nossos dias. Deus continua ativo e em movimento. Através do rito litúrgico, a ação de Deus é reatualizada. Também os nossos corpos, em sua inteireza, são envolvidos no ritmo, na dinâmica e nos propósitos de Deus. Celebrando, o ser humano aprende a olhar para si mesmo e para os outros com os "olhos de Deus". Esta ação ritual faz nascer um novo relacionamento no mundo. A liturgia celebrada quer tornar-se também uma liturgia da vida.

5º Liturgia se faz com ações corporais. Liturgia é ação e trabalho que se faz com palavras, gestos, ritos e símbolos. Não há ação litúrgica sem a presença e o uso do corpo humano ou a expressão corporal. Todas as dimensões humanas devem participar. Quando isso não acontece, quando parte das dimensões humanas ficam privadas de participarem, a liturgia perde em profundidade e sentido. Não é uma ação mecânica, mas ação cheia de sentido. A ação litúrgica quer que o ser humano "mergulhe" por inteiro na ação ritual. É corpo que ora, pensa, sente alegria e tristeza, prazer e dor. Em Jesus Cristo, Deus veio inteiro a nós. Ele quer que também que nós cheguemos a ele, totalmente e inteiramente.

3.2 - Consequências práticas para a liturgia na IECLB.

Sem aprofundamento teológico de cada elemento litúrgico, seguem algumas observações sobre as inúmeras possibilidades que existem das pessoas participarem e serem envolvidas integralmente na ação litúrgica.

3.2.1 - Liturgia da entrada

Não é suficiente ajuntar pessoas em um mesmo lugar, mas integrá-las em uma experiência comum. As pessoas precisam ter o sentimento de estarem bem para poderem dizer para si mesmas: "aqui é o meu lugar", "isso tem a ver comigo". Precisam se identificar e ter ações que expressam a participação em um mesmo corpo (I Cor 12.13; Ef 4.4).

Com a crescente urbanização nos últimos 30 anos, 80% da população vive nas cidades, o comportamento das pessoas foi mudando. Diferente do "mundo rural", onde as pessoas se conheciam, onde a atividade profissional e a formação, via de regra, era a mesma, na cidade as pessoas que se encontram para formar o corpo litúrgico, são muito diferentes. São diferentes na profissão, no convívio social, nas preocupações e no ritmo da vida. O comportamento cultural também é diferente. Quando chegavam bem antes para o culto onde compartilhavam a vida as preocupações, agora chegam em cima da hora do culto, como indivíduos e cada um com as suas próprias preocupações, conflitos ou alegrias. Facilmente vêm com elas e voltam com essas preocupações sem compartilhá-las com outras pessoas. Esse comportamento simboliza a organização social existente e a fragmentação do ser humano. Celebrar culto assim significa permitir a primeira derrota do "corpo de Cristo".

A acolhida passa a ter uma importância muito grande para o desenrolar das ações litúrgicas nos momentos seguintes. É o prenúncio, o prelúdio da ação litúrgica. O corpo todo recebe o seu primeiro impacto litúrgico. E é bom que seja positivo.

A preparação para o culto cristão requer a preparação de todas as pessoas presentes e não só da equipe litúrgica. A

acolhida é o momento ideal. A transição do comportamento cotidiano para o cultual, também precisa ser feito. Valem para o culto os mesmos três passos que Van Gennepe identificou nos ritos de passagem: ritos de separação, ritos de soleira (ou margem) e ritos de agregação. Quem pretende expor-se integralmente, participar e fazer a experiência com o divino, precisa antes, separar-se de suas relações cotidianas. Isso, passa pelo preparo do corpo.³⁶ Na acolhida pode se dar início a este processo.

A equipe litúrgica precisa se ocupar precisa com cada pessoa que chega: expressar alegria pela presença, introduzi-la no clima da celebração e integrá-la na comunidade. É igualmente importante colocar-se à disposição para ouvi-la e fornecer as informações necessárias e relacionadas ao encontro. No contexto urbano, as pessoas não se conhecem tão bem. Uma boa acolhida, além de ajudar na integração, permite à pessoa dar os passos seguintes na celebração, de forma diferente. O corpo todo é estimulado e é criada uma expectativa positiva para o culto. Passa-se tranquilidade, atmosfera de familiaridade e segurança para as pessoas. O corpo fica "sossegado".

A ação litúrgica deve, por isso, ir se desenvolvendo e crescendo aos poucos e gradativamente. Não deve desgastar física, psíquica e espiritualmente as pessoas. O corpo não deve ser exigido para uma experiência para a qual ainda não está preparado. Este também é o objetivo da liturgia da entrada.

A **saudação apostólica**, quando recíproca, além de dar sustentação mútua entre oficiante e comunidade, estimula a ação e o envolvimento. Assim como a vida é feita de relações, a ação litúrgica também é. O uso de gestos e símbolos, ajuda a colocar o corpo em movimento e de forma inteira e completamente.

³⁶ Arnold van GENNEPE, *Os ritos de passagem*, p. 31.

A **oração preparatória** ajuda a remover tudo o que dificulta o encontro com Deus, consigo mesmo e com os outros. Faz parte da preparação tomar consciência de si mesmo e da vida das outras pessoas, do próprio corpo e das ações e relações que aconteceram no mundo. É uma oportunidade como poucas, na qual se pode encarar a própria humanidade de frente: com lucidez, com sobriedade e de forma desarmada. É um momento importante para libertar o corpo de traumas e amarras. A comunidade, de forma concreta, faz a experiência da graça. Sem esse passo, dificilmente a participação na celebração será integral e totalmente. A oração preparatória aqui passa a ter também uma função poimênica por produzir um efeito de recomposição do corpo humano dentro da realidade de Deus. Sentir-se aceito, valorizado, reconciliado e integrado é uma experiência que o mundo poucas vezes oferece às pessoas. O uso de gestos e símbolos podem ajudar a dar profundidade a esta ação litúrgica.

O **kyrie eleison** é um passo litúrgico de grande significado. A comunidade reunida e que fez a experiência da graça de Deus, pessoal e comunitária, não consegue mais se fechar em si mesma. Não se entende como uma ilha da fantasia. Ritualmente já começa a dar passos em direção a uma nova realidade. O mundo e a vida que nela existe, não estão separados de seu "estado de graça" diante de Deus. Esse corpo comunitário quer aprofundar a experiência diaconal. Por isso, ritualmente, a comunidade se sensibiliza e clama por compaixão pelos sofrimentos no mundo. Ela sente-se parte do mundo. Ela existencialmente está dentro deste mundo. A comunidade precisa "se tocar" neste momento. Clamar a Deus pelos sofrimentos do mundo quer ser feito com a voz, com o corpo, com gestos e com movimentos, de forma inteira. Quando isso não acontece, pode-se facilmente cair em uma espécie de ritualismo hipócrita. O uso da criatividade, símbolos e gestos ajudam a

comunidade a se ligar aos clamores que mais tocam e mexem com a vida comunitária.

O canto do **Glória in excelsis**, também é um momento importante na ação litúrgica. A comunidade que canta e ora por si mesma e pelos outros, só o faz por sentir-se cercada por Deus e seu amor revelado na morte e ressurreição de Jesus Cristo, e agora presente pelo Espírito Santo. Ela pode cantar por sentir-se viva e cheia de esperança. Pode cantar por se sentir parte e participante da obra de Deus realizada em Jesus Cristo. Seu lamento não cairá no vazio. Deus continua presente, vivo e atuante. Nesta parte litúrgica a postura corporal precisa expressar enfaticamente esta alegria e "estado de graça".

3.2.2 - Liturgia da palavra

Quando a preocupação litúrgica é com o envolvimento integral da pessoa, a Liturgia da Palavra pode transformar-se em uma armadilha, principalmente quando a liturgia da entrada consumiu um tempo mais longo do que o previsto e houve um desgaste acentuado com o envolvimento da comunidade. A comunidade pode passar para um comportamento de descanso e de descompasso. Desliga-se e diz para si mesma: "agora a responsabilidade é do(a) pregador(a)". O *Ordo litúrgico* todo precisa considerar a capacidade que as pessoas têm de se envolverem em todos os momentos da celebração. A liturgia da palavra, principalmente a pregação, não pode transformar-se em uma espécie de recreio litúrgico.

Tanto a comunidade como o oficiante com a equipe litúrgica, precisam ter a consciência de que nesta parte, como na liturgia da entrada, as ações não diminuem em número. Ao contrário, continuam intensamente. Acontecem: leituras, reflexão, escuta,

meditação, silêncio, interpretação, diálogo, observação de símbolos, gestos e movimentos corporais. Tudo isso é feito dentro de um contexto ritual. Cada ação é integral e não parcial. No caso das leituras, mesmo que a atitude de escuta seja privilegiada, o envolvimento do corpo não é dispensado. Também nas leituras e na hora da homilia a participação com todos os sentidos e o envolvimento do corpo com todas as suas dimensões acontecem. Todo o corpo participa da experiência e tem uma atitude de escuta.

A palavra tem uma função simbólica, de nos ligar às façanhas de Deus realizadas no passado. Relata a experiência de caminhada do povo com Deus e permite também a nós participar da mesma caminhada. "Recordar o que Deus fizera e regozijar-se nestas memórias".³⁷ Ser ligado ao passado é um movimento em mão dupla. Equivale a dizer que o passado se liga ao presente. O simbolismo, através de gestos e outros elementos, ajuda a envolver a comunidade integralmente e ritualmente nesta experiência.

A palavra como uma parte imprescindível no culto cristão quer, portanto, envolver a comunidade na "trama de Cristo". Quer fazê-la participar da experiência com Deus. As condições, para que todos(as) possam ser envolvidos(as) na experiência, precisam ser criadas. Ione Buyst, ao falar desta experiência, afirma:

Esta atitude espiritual profunda, esta atenção amorosa àquele que se faz presente entre nós por meio de inúmeros sinais, faz da liturgia a fonte e a raiz de toda a espiritualidade cristã. As atitudes e os gestos corporais na liturgia, feitas no espírito, vão nos moldando aos poucos à imagem de Jesus Cristo, vão imprimindo em nós a atitude do próprio Senhor Jesus: atitude de escuta do Pai e dos irmãos;

atitude de misericórdia; atitude de serviço desinteressado; atitude de recuperação da vida de um irmão ameaçado de morte, mesmo para isso arriscando a vida; atitude de confiança, no sofrimento, nas dificuldades, na doença; atitude de firmeza diante dos poderosos; atitude de persistência e perseverança nas preocupações e no martírio; atitude de amor ao Pai e aos irmãos.³⁸

É importante ressaltar que quem faz a ação litúrgica é a comunidade. Fá-lo "por Cristo, com Cristo e em Cristo, na unidade do Espírito Santo". É Palavra de Deus através da ação da comunidade. Ao mesmo tempo que as leituras pedem um envolvimento exterior mais ativo e exigem dedicação e criatividade na preparação das mesmas, elas propõem, simultaneamente, uma atitude passiva. Enquanto se é ativo e se faz a leitura é necessário exercitar a atitude passiva, ouvir com o corpo todo o que o Espírito Santo está dizendo e fazendo nas pessoas através da leitura.³⁹

A Liturgia da Palavra, principalmente após a homilia, oferece um momento muito importante para a reação da comunidade em resposta à Palavra de Deus. A comunidade, através de gestos concretos e ritualmente, passa a vivenciar a experiência e o crescimento que houve ao ouvir a Palavra de Deus. Ritualmente se envolve na missão. Faz isso através da oração, confissão e atitudes concretas como a coleta. Incorpora ao rito litúrgico a sua atitude diaconal. A comunidade, além de dar graças a Deus pelo encontro, diálogo, pode expressar seus desejos, suas necessidades, suas dificuldades na missão. Diante da fragilidade humana, busca auxílio divino para que o dia-a-dia também se transforme em uma vida feita em cima de novas relações. Esta nova

³⁷ James F. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 112.

³⁸ . Ione BUYST, Ernesto Barros CARDOSO, *Seção Teológico em: Cursos de Verão; ano IV*, p. 56.

³⁹ . Ione BUYST, Ernesto Barros CARDOSO, *Seção Teológico em: Cursos de Verão; ano IV*, p. 57.

relação já começa na celebração, através da oração e ofertas na qual as pessoas em dificuldades são incluídas (intercessão) e ajudadas.

Em relação à Liturgia da Palavra, oficiante e equipe litúrgica precisam também aqui ter a consciência da necessidade do equilíbrio litúrgico. A homilia também quer impulsionar e estimular a comunidade para a ação. Quando acontece o contrário, quando a comunidade cansa com a homilia, terá certamente dificuldades para uma ação resposta através da oração, confissão e ofertas, de forma inteira e integral ou com alegria e satisfação.

3.3.3 - Liturgia da eucaristia

Eucaristia é ação de graças. Logo, é uma ação, um comportamento da comunidade de fé dentro de um estado de espírito. A comunidade, através de gestos concretos, mostra a alegria e relembra, com gratidão, da obra de Deus que culminou na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ione Buyst, ao falar deste momento de oração, ressalta esta ação ritual, afirmando:

Esta ação memorial, esta recordação tem dois destinatários: Deus e nós. É preciso recordar, lembrar a nós mesmos, evocar tudo o que o Senhor fez por nós e, por isso, louvar e agradecer (anamnesis, louvor, eucaristia). Mas é preciso também lembrar a Deus tudo o que Jesus fez por nós e pedir que, por isso, lembrando-se do seu Filho, se lembre de nós hoje e amanhã (dimensão epiclética, invocação, intercessão). Não nos referimos a Jesus como alguém, distante, perdido nos tempos passados, mas ao Cristo glorificado, ressuscitado, o Senhor da história, o Cordeiro imolado, de pé junto do trono daquele que vive pelos séculos dos séculos (Apocalipse de

João). É por ele, com ele e nele que fazemos memória na unidade do Espírito Santo.⁴⁰

Relembrando, lembramos que Jesus fez uma Ceia. Foi um encontro com muita ação: preparação do local, oração, diálogo, comunhão, partilha do pão e do vinho, refeição. Tudo isso com a presença de muitos gestos simbólicos. Assim Jesus preparou os seus discípulos para os acontecimentos que estavam por vir e para a missão que continuaria.

Jesus ordenou que isso(a Ceia) continuasse sendo feito: "Façam isso em memória de mim" Jesus, mais do que só falar de sua obra e da missão que continua, coloca os pilares em cima dos quais se dará esta continuidade. O "fazer memória" de nossos dias, se inspira no *fazer* de Jesus. Precisa ser ressaltado o que foi feito e continua sendo feito em nós, por nós e através de nós. O rito acontece dentro desta dinâmica. Com isso, aprendemos a ouvir, olhar, falar, cheirar e tocar a nós mesmos e aos outros com todos os sentidos presentes naquilo que Jesus fez. Ao fazermos memória, ritualmente aprendemos a olhar com os olhos de Deus e, assim, tornando o passado vivo entre nós. Fazemos com que a experiência vivida no passado por outros possa ser possível e experienciada por nós em nossos dias e contextos.

A celebração da eucaristia permite ousadia em termos de criatividade e de movimentos. Os corpos estão aí para ficar parados e em silêncio. São chamados e estimulados para ações concretas do e no corpo de Cristo.

Toda a celebração cresce em direção a este momento. Espera-se que a comunidade esteja viva, ansiosa para participar do banquete. O clima foi preparado e chegou a hora. O corpo todo

⁴⁰. Ione BUYST, Ernesto Barros CARDOSO, *Seção Teológico em: Cursos de Verão; ano IV, p. 62.*

expressa este desejo. Nem sempre isto tem acontecido nas igrejas históricas. A rigidez ainda é muito forte, inclusive, nos meios acadêmicos. Fala-se muito da graça, mas o corpo faz movimentos "sem graça".

A comunidade precisa ser mais envolvida na celebração eucarística. A participação ainda é muito passiva. Em algumas tradições, o pão e o vinho ainda são levados à boca dos participantes, podendo estes ficar inertes, sem movimentar os braços e outras partes do corpo. É mais coerente, conforme a dinâmica proposta por Jesus (*fazer e não só receber*), envolver a comunidade reunida em todo rito, a começar pela organização do espaço. O altar é o espaço sagrado e, por isso, para muitos, inacessível. Chegar lá demanda um pouco de coragem e sacrifício. Este medo e insegurança vêm em prejuízo para a ação litúrgica. Envolver parte da comunidade ritualmente na preparação da mesa, poderia quebrar esta rigidez e recuperar o clima alegre e familiar que aproxima as pessoas para este momento tão especial. A equipe litúrgica poderia envolver a comunidade na preparação do local, como: organizar o espaço para que as pessoas possam se ver melhor, se tocar, abraçar e tornar a comunhão mais expressiva. Colocar a mesa em um lugar central que permita o acesso de todos em seu redor é uma forma de mobilizar, movimentar e criar um clima para todos perceberem que algo importante está para acontecer.

A procissão e o ofertório também podem ser um momento em que a comunidade pode ser mais envolvida. Oferecer algo de si é uma forma de se despojar e de oferecer a si mesmo. Através da procissão oferece-se a Deus o fruto da terra e do trabalho humano para se tornar pão da vida. Esta ação da comunidade não é um sacrifício no sentido pagão onde se oferece algo para a divindade, para em troca, receber favores generosos, mas é algo

que se faz dentro de uma outra espiritualidade. Se não nos despojarmos das coisas, elas arriscam tomar conta de nós. Apenas as administramos. Com o corpo, a mente e o coração, na procissão, lidamos com as coisas de modo diferente, dentro do jeito de ser de Deus em Jesus Cristo.

Todas as partes seguintes da liturgia da eucaristia recebem impulso, primeiro: na liturgia da entrada e da palavra e segundo: na forma como se inicia a liturgia da eucaristia. O comer e o beber, tornam-se mais do que só uma atitude de entender, ver e saborear o amor de Deus, mas também de estar fazendo a experiência da comunhão concreta da presença de Deus dentro de nós, entre nós através de nossos corpos em ação. Faz-se a experiência, com todas as potencialidades e dimensões, de algo que se crê: mesmo sendo muitas pessoas de jeitos e culturas diferentes, somos um só corpo na fé. Isso é mais do que afirmação teórica. É experiência real. Neste sentido o gesto da paz e todas as ações presentes na liturgia precisam dar ênfase à ação e ao envolvimento de todos.

3.3.4 - Liturgia de encerramento

A liturgia de encerramento também exige seus cuidados, tanto na preparação como na execução. Precisa-se considerar que a comunidade, neste momento, já participou uma hora ou mais de diversas ações litúrgicas e já atingiu o seu objetivo (ponto alto). Já está "alimentada" e satisfeita.

Usar esta parte do culto como momento para discutir problemas da comunidade ou da sociedade, fazer a colação de grau de graduados e pós-graduados, encaminhar decisões, fazer diversas e longas comunicações é um desrespeito ao corpo humano. Este momento de encerramento do culto não é menos especial que os

anteriores. Assim como na liturgia da entrada e através de várias ações houve a preparação dos corpos para a celebração, agora, também através de várias ações, a comunidade é preparada para tornar a liturgia celebrada a sua liturgia da vida.

É importante que esta parte litúrgica seja breve e que as ações, gestos e símbolos sejam claros e falem por si. É importante que as pessoas possam voltar ao cotidiano da vida, desafiados para a boa obra (dar continuidade à obra de Cristo) e com os seus corpos inteiros e em harmonia. Então o culto terá atingido o seu propósito.

Conclusão

Esperamos que a celebração cultural possa ser feita dentro de uma compreensão maior. Que as pessoas chamadas e reunidas para formar o corpo de Cristo realmente tenham consciência do que está para acontecer.

Liturgia é **ação ritual** de uma congregação ou de um grupo de pessoas que foi chamado por Deus para um encontro. Objetivamente e através de inúmeras ações, dramatiza e expressa aquilo que crê. Faz isso com ações corporais através de palavras e gestos simbólicos.

Por isso, liturgia também é **ação memorial** de uma congregação. A obra de Deus realizada em Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição é celebrada e ressaltada. A ação litúrgica se inspira no agir de Deus em Jesus Cristo. Recordando os acontecimentos passados *voltam a saber* do que foi feito em Jesus Cristo. Recordando, a congregação mostra que também deseja ardentemente vivenciar e participar desta experiência que Deus viveu com o seu povo no passado. Esta memória é feita dentro de um sentido epiclético. Através da ação memorial, a congregação procura entrar em contato com Deus para poder ser arrebatada e participar de sua ação, presente em nossa história. Quer que Deus continue sendo ativo, concreto na história de seu povo hoje. Ritualmente, a congregação já faz a experiência

Liturgia é **ação total e integral** do corpo humano. Inspirado na ação de Deus em Jesus Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente humano, a ação litúrgica quer ser celebrada com corpos inteiros, com toda a corporeidade ou com todo o seu ser. O Evangelho, na sua essência, não é excludente. Por isso, liturgia quer ser ação ritual e memorial que se faz com o corpo todo e todos os corpos. Com todos os sentidos e todas as dimensões.

Cada época histórica precisa olhar para as fontes, para o agir de Deus no passado e se inspirar novamente no seu sentido original. A história mostra-nos que nem sempre a dinâmica da ação de Deus em Jesus Cristo é a que está presente na ação litúrgica. O desafio para cada época histórica é reaprender a participar da liturgia de forma inculturada, com o corpo todo e fazê-lo dentro de uma espiritualidade cristã. Na hora de moldar uma liturgia, a preocupação não pode ser somente com as questões técnicas e funcionais, mas também com a pessoa humana que atendeu ao convite para o encontro. Ela precisa ter todas as condições para poder expressar objetivamente a sua fé, isto é, de participar do momento litúrgico com todo o seu ser: corpo, alma, espírito. A pessoa humana precisa ser considerada nessa sua unidade e totalidade. É assim que ela participa e tem acesso a Deus, e não somente com uma única dimensão de seu ser. Precisamos aprender a preparar as celebrações pensando no corpo das pessoas que estão sendo reunidas. A teologia não dispensa este enfoque.

Liturgia é **ação ordenada** de pessoas e corpos. Na hora de preparar o culto cristão é de fundamental importância ter consciência das necessidades e da capacidade, em todos os sentidos, que os corpos, que estão se encontrando, têm ao serem envolvidos na celebração. Precisa haver uma harmonia e um equilíbrio entre as diferentes partes do ordo litúrgico. O corpo não pode ser submetido no início ou, em certas partes da

liturgia, a um desgaste muito acentuado. Isso, certamente virá em prejuízo para as partes seguintes. Por isso precisa ser ordenada.

A liturgia também é **ação equilibrada**. As diversas atitudes presentes na celebração litúrgica: gestos, movimentos, diálogo, escuta, toque, canto e outros também precisam acontecer dentro de um equilíbrio. Todo o corpo quer participar com todas as partes. Nada fica excluído ou reprimido.

Moldar liturgia começa com uma atitude de aproximação à vida, a história e o jeito de ser das pessoas em seus contextos específicos. Deus em Jesus Cristo o fez assim. Estas pessoas, com seus corpos, irão se encontrar em um determinado lugar e celebrar. Em um sentido antropológico, elas serão os sujeitos da ação litúrgica. Neste sentido, o corpo das pessoas precisa ser considerado. Somente assim, o corpo de Cristo formado, poderá participar e ser envolvido na experiência com Deus, gradativamente e "gostosamente". Através de várias ações ordenadas, aos poucos vão sendo moldados ao jeito de ser de Cristo. As atitudes de Cristo, de escuta, de misericórdia, de serviço desinteressado, de confiança, de persistência, de envolvimento total e integral e atitude de amor passará a ser a dinâmica da ação litúrgica.

BIBLIOGRAFIA

- ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 1968.
- AULÉN, Gustaf. *A fé cristã*. São Paulo: ASTE, 1965.
- BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Laboratório Litúrgico, pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Salesiana, 2000.
- BRAATEN, Carl E. JENSON, Robert W. *Dogmática cristã*. v. 1. São Leopoldo: Sinodal, 1990.
- BRAKEMEIER, Gottfried. Auxílios homiléticos sobre Jó 1.1-5,9-14. In STRECK, Edson Edílio; KILPP, Nelson (Eds). *Proclamar Libertação*. v. 19: auxílios homiléticos sobre a série ecumênica trienal Ano B em auxílios homiléticos para ocasiões especiais. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1993.
- BUYST, Ione. *Celebração do domingo: ao redor da palavra de Deus*. Equipe de Liturgia 5, 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BUYST, Ione; CARDOSO, Ernesto Barros. *Seção Teológica em Cursos de Verão*. Ano IV, 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- Equipe Sinodal de Formação. *A revelação de Deus no Antigo Testamento. Material para o Ensino Confirmatório do Sínodo Espírito Santo a Belém*. Vitória, 2000.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. São Paulo: Vozes, 1978.
- GESTRICH, Reinhold. *Adão e Eva realmente existiram? Imagens, parábolas e milagres na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- GORGULHO, Maria Laura. Lendo a Bíblia na dinâmica de João: "O amor de Deus pelos homens". *Estudos Bíblicos*, n. 33: "Para que todos tenham vida". Petrópolis: Vozes / São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- JOSUTTIS, Manfred. *Der Weg in das Leben: Eine Einführung in den Gottesdienst auf verhaltenswissenschaftlicher Grundlage*. München: Chr. Kaiser, 1991.

- JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 2001.
- KIRST, Nelson. *Nossa Liturgia: das origens até hoje*. São Leopoldo: Sinodal, 2000. (Colméia, 1)
- _____. *Rudimentos de Homilética*. 3. ed. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1996.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade (comentário bíblico)*. Petrópolis: Vozes / São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas: Aproximações com a Teologia*. Petrópolis: Vozes / Curitiba: CELADEC, 1994.
- WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: IEPG/ Sinodal, 1997.
- WOLFF, Günter. A encarnação de Jesus. *Estudos Bíblicos*, n. 41: *Evangelho e Culturas*. Petrópolis: Vozes / São Leopoldo: Sinodal, 1994.